

FÁTIMA APARECIDA DA SILVA

CACHOEIRA DE SANGUE

EDITORA RECANTO DAS LETRAS

CACHOEIRA DE SANGUE

EDITORA RECANTO DAS LETRAS

FÁTIMA APARECIDA DA SILVA

CACHOEIRA DE SANGUE

Editora RECANTO das LETRAS

© Fátima Aparecida da Silva

Editora Executiva: **Cássia Oliveira**

Projeto gráfico: **Estúdio Caverna**

Impressão: **Forma Certa**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Andreia de Almeida CRB-8/7889

Silva, Fátima Aparecida da

A cachoeira de sangue / Fátima Aparecida da Silva ; ilustrações de Paulo Oliveira. – Sorocaba : Recanto das Letras, 2017.

80 p.

Bibliografia

ISBN: 978-85-69943-34-1

1. Ficção brasileira 2. Literatura brasileira I. Título II. Oliveira, Paulo

17-0904

CDD B869.3

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção brasileira

EDITORA RECANTO DAS LETRAS

Rua Laura Barbero Shimmelpfeng, 260 - Sorocaba - São Paulo

www.recantodasletras.com.br/editora

editora@recantodasletras.com.br

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da autora.

SUMÁRIO

CAPÍTULO UM.....	6
CAPÍTULO DOIS	21
CAPÍTULO TRÊS	35
CAPÍTULO QUATRO.....	49
CAPÍTULO CINCO.....	59

CAPÍTULO UM

Era 1964, época de Ditadura Militar, período de caos e violência que marcou à fogo a memória da política brasileira, como todos bem sabem. Nossa história, porém, se passa no interior de Rondônia, numa pequena e pacífica vila onde os dias se arrastavam em calma e eram apartados da terrível realidade do resto do país.

O local chamava-se Vilhena e existia escondido em meio a densa vegetação das florestas que o cercavam, servindo de abrigo para as únicas seis residências e base aérea que ali existiam. Fora denominado o novo Eldorado, destino de corajosos pioneiros que se atreviam a viajar pela batida estrada de terra por dias e dias, em busca da peculiar paz oferecida somente pelos povoados interioranos.

Cativados pelas promessas de terras fartas, sol e chuva na medida certa e fuga da crise nacional, a família Lopes juntou-se aos grupos migrantes e partiu numa empreitada rumo ao paraíso intitulado Portal do Amazônia, deixando em São Paulo a filha, Cecília.

Instalados no novo lar, os pais da garota começaram a trabalhar em uma propriedade rural, cujas terras gratuitas permitiram ao casal tomar posse de aproximadamente quinhentos alqueires. A mata, apesar de não tão fechada, era suficiente para manter os rios cristalinos sem poluição, e o ambiente fresco e aconchegante.

Os Lopes tinham maquinário e deram início à uma plantação de soja, sendo seu principal objetivo manter a filha na escola. Cecília era uma excelente aluna, tão estudiosa e dedicada que, aos 18 anos, foi aprovada em um dos vestibulares mais concorridos do país. E como toda filha amorosa, resolveu dar a notícia aos pais pessoalmente.

A viagem até a cidade de Cuiabá – MT foi tranquila. Cecília aproveitou o ensejo e levou consigo oito amigos: Janete, dezenove anos, Sandra, Camila e Verônica, de vinte anos e, é claro, os rapazes, Pedro, Antônio, Mateus e Tiago com dezenove, vinte e dois, vinte e três e vinte e seis anos, respectivamente.

De Cuiabá à Vilhena, a rota foi de ônibus. O fato de estarem em um grupo tão grande tornou o trajeto divertidíssimo, com muitas piadas, músicas e brincadeiras. Os jovens assistiam as diversas paisagens detrás das janelas encardidas encantados, animados com toda a novidade que os cercava, comentando a ansiedade que sentiam subir-lhes o peito.

Pela manhã, após longas dezoito horas na estrada, chegaram em Vilhena, entusiasmados com o que aquele passeio teria a oferecer, festejando todo o caminho até a moradia do casal Lopes. Os pais de Cecília, assim como os amigos da família, estavam felizes com tanta juventude junta, os garotos eram vivazes, bonitos, simpáticos – legais mesmo. As garotas, belas e inteligentes.

Depois de alguns dias no lugarejo, o tédio começou a tomar conta da garotada. Em Vilhena, não existia diversão. A ideia de lazer das famílias era uma reunião semanal para rezarem, além de

se ocuparem com a construção de uma igreja, para manterem-se unidos.

Já os novatos, empenhando-se para fugir da mesmice, decidiram acampar. Não seria um acampamento qualquer, é claro, mas sim o acampamento, como dissera Antônio. Tudo fora planejado nos mínimos detalhes, cada segundo da aventura minuciosamente cronometrado. Listas e mais listas foram elaboradas, assegurando que nada fosse esquecido.

Na segunda-feira, de madrugada, partiram rumo à uma cachoeira em um distrito próximo. A caminhada seria longa, sabiam bem disso, mas tinham certeza que valeria a pena.

Horas após o começo do percurso, logo antes de anoitecer, pararam para descansar. Estavam exaustos, a respiração ofegante e os corpos suados enquanto bebiam a água já quente de suas garrafinhas, reconhecendo que tanta andança não era algo a qual estavam acostumados.

A mata virgem os envolvia, criando sombras medonhas sob o brilho prateado da Lua, que cresciam à medida que a noite avançava. De dentro das barracas, ouviam os ruídos emitidos pelos animais selvagens, o farfalhar das folhas contribuindo para a orquestra da natureza. Tal harmonia seria considerada perfeita por alguém acostumado àquelas condições, mas apavorava os visitantes urbanos.

Prosseguiram à cachoeira. A alegria e o cansaço eram visíveis no rosto de cada um dos viajantes, que conversavam alheios ao perigo que os espreitava. Porém, até então, tudo corria bem.

Passava das três da tarde quando finalmente alcançaram seu destino. O lugar era paradisíaco. A água do rio se movia calmamente, o leito coberto das mais belas flores, esculpido pelo relevo de rochas cobertas de musgo verde-escuro. O som de pássaros e pequenos animais preenchia o local, coloridas borboletas esvoaçando por entre as folhas.

A reação de todos foi similar. Olhos enormes, cheios de encanto, enquanto admiravam boquiabertos a grandiosidade do que os cercava, desesperados para absorver o máximo possível daquela beleza. Decidiram, então, montar suas barracas e estabelecer o acampamento, conversando contentes enquanto o faziam.

Em certo ponto, Mateus jogou-se na água, gritando feliz ao voltar à superfície, o cabelo molhado grudado em sua testa, um grande sorriso em seu rosto. Os outros seguiram o exemplo. Dentre todas as risadas e brincadeiras, concordaram: nenhuma piscina chegava aos pés de um banho de rio.

O sol já se punha quando acenderam fogueiras. Sabendo que animais selvagens de certo passariam por lá para matar a sede, fizeram quatro, uma em especial era para cozinharem o jantar. Ficaram acordados até tarde, tocando violão, cantando e contando várias histórias.

Sob o clarão amarelo do fogo, planejaram seu futuro e discutiram o que os aguardava pelos próximos anos. Horas depois, devidamente cansados, retiraram-se para suas barracas, adormecendo em meros segundos, pela primeira vez esquecendo-se dos barulhos noturnos.

No dia seguinte, a diversão continuou, os jovens muito mais confortáveis e destemidos, aproveitando cada segundo da excursão. Cecília, no entanto, sentiu-se muito mal após o almoço, tendo comido exageradamente os enlatados trazidos. De acordo com os “espertos e bons entendedores”, colocar latas no rio conservaria os alimentos por mais tempo. A garota começava a discordar.

– Eu não vou. – Disse, contorcendo-se de dor diante do convite para fazer um tour pela mata com os amigos – Estou mal, meu estômago está se revirando e estou com dor de cabeça.

– Ficamos com você. – A preguiça de Camila era visível. – Não vamos deixar nossa melhor amiga e anfitriã sozinha.

– Parem com isso. Eu tomei um remédio e provavelmente vou dormir a tarde toda.

– E se aparecer algum animal? Quem vai te proteger? Eu não estarei aqui para salvá-la... – Disse Pedro, todo solícito.

– Podem ir tranquilos. Ficarei bem.

Depois de muitas “rasgações de seda” e uma quase declaração de amor, a galera aceitou partir sozinha e adentrou a floresta. Carregavam facões, lanternas, toda a tralha necessária para a exploração. Caminhavam ansiosos, cientes de sua falta de experiência naquele tipo de coisa, dando gritinhos para disfarçarem o medo e, também, a preocupação com Cecília, que ficara sozinha no acampamento.

Tiago era o mais atencioso, afinal, até aquele momento, não conseguia compreender o porquê de não abrir o coração para a garota. Viajaram juntos, lado a lado, o jovem observando-a de tem-

pos em tempos, sorrindo ao ouvi-la rir e desejando beijá-la, fazê-la dormir em seus braços e acordá-la com carícias ternas.

– Sou um bobão. – Repetia o tempo todo. Estava ali, todo zeloso, apaixonado, com cara de “besta”, e nada de declaração. Por que não ficou com ela? Esta era a pergunta que se fazia o tempo todo. Podia até estar ali com os amigos, mas o coração estava na barraca, junto à Cecília.

– Pessoal, não vamos nos afastar muito. Caso Cecília precise de alguma coisa, nós escutaremos. Não esqueçam de marcar bem o lugar por onde passamos, para não nos perdermos.

– Você está certo, Tiago. – Concordou Janete – A mata é bastante densa. Precisamos ter muito, mas muito cuidado mesmo.

A atenção foi redobrada por todos. Falavam em sussurros, cuidadosos para não pisar em galhos e vigilantes para quaisquer barulhos ou movimentos alarmantes. Mesmo assim, não tinham ideia do que os aguardava, do que os observava e seguia silenciosamente por detrás das antigas árvores.

O caminho estreito os obrigava a andar em fila indiana, liderados por Janete, que tinha dezenove anos. Filha única e de família rica. Corpo perfeito para os padrões da sociedade. Baixinha, delicada, negra, além de estudiosa. Foi ela quem convenceu os pais a autorizarem e financiarem a viagem. Quem pagou as passagens, carro, aluguel, toda a despesa, foi o pai de Janete. O poder de persuasão da filha era indiscutível, ela sempre conseguia o que queria. E era apaixonada por Tiago, o mais velho e responsável do grupo.

Tiago tinha vinte e seis anos. Após muita dedicação, finalmente conseguira aprovação no mesmo curso dos outros. Todos eram calouros na Faculdade de Medicina da USP. Não queriam participar do trote e a viagem para Rondônia fora um achado; fugiram, literalmente, dos problemas políticos que transformavam o país em uma ditadura militar. A USP era um berço político com o qual não queriam se envolver, seu objetivo somente estudar para tornarem-se médicos e salvar vidas. Esse era o plano.

Ele era muito bonito e seu sorriso conquistava qualquer pessoa. Tinha também algo de misterioso. Às vezes, ficava distante com os seus pensamentos. Tiago não era de família rica. Sempre trabalhou e batalhou muito para começar a realizar o sonho de se tornar médico. A oportunidade de conhecer o novo Eldorado do Brasil caiu-lhe como uma luva, afinal de contas, precisava de um lugar para iniciar sua vida profissional. Tudo isso já pensando no futuro. Ele era assim, tudo muito bem planejado. Sabia que Janete gostava dele, mas fingia não ter conhecimento. O coração dele tinha dona, e ele pretendia declarar-se para Cecília. Enquanto caminhavam na mata, era só nela que pensava.

– Devia ter ficado com ela – Murmurou.

Verônica era a sexy da turma. Bonitona mesmo. Um “mulherão”, como diziam os que a conheciam, até mesmo os inimigos... Se é que Verônica tinha inimigos. Sua beleza e charme só não eram maiores que a simpatia que irradiava dos seus olhos. Verônica era um espetáculo de mulher.

Sandra e Camila ainda não tinham compreendido como conseguiram passar no vestibular, pois o teste tinha questões complexas e ambas não eram exatamente alunas dedicadas. Eram amigas desde sempre, e conheceram Janete, Verônica, Cecília e os rapazes no dia do exame. Fizeram as provas na mesma sala e, como Mateus era o esotérico do grupo, disse que o destino deles estava traçado. Que passariam no vestibular, e ficariam juntos para sempre.

Os pais do Mateus eram advogados, tinham um escritório no centro de São Paulo e muitos clientes do alto escalão do governo. Ele era extrovertido, amigo para toda hora. Pedro e Antônio eram primos, quase irmãos, cúmplices em tudo. O que um dizia o outro confirmava. Os pais confiavam nos meninos cegamente. Embora estivessem sempre envolvidos em algumas confusões, a família compreendia que era coisa da juventude. Quando Pedro anunciou que faria vestibular para medicina, Antônio juntou-se à declaração e garantiu que ambos seriam aprovados.

Cecília. Ah, Cecília... Garota alegre? Nem sempre. Cecília era uma incógnita. E era isso que fascinava Tiago. Inteligente, delicada, esperta e, acima de tudo, pé no chão. Parecia ter bem mais de dezoito anos, e suas conversas duravam horas. Seguiu à risca os conselhos dos pais. Dedicou-se a aprender. E agora, começava a colher os primeiros frutos.

Todos tinham consciência de que ser aprovados em um vestibular não os tornava médicos. A verdadeira batalha começaria em alguns dias. Precisavam curtir aquele momento ao máximo.

Depois, somente estudo e mais estudo. Tinham a intenção de, depois de formados, participarem da Cruz Vermelha, queriam ajudar as pessoas mais necessitadas; todos tinham projetos.

A caminhada seguia. Foi então que um grito ensurdecedor soou pela mata. O coração de todos parou por um segundo, ondas de adrenalina correndo por seus corpos, queimando as veias enquanto sentiam a bile subir-lhes a garganta. A incredulidade tomava conta de seus sentidos enquanto assistiam, em choque, o sangue escorrendo de um ferimento profundo no corpo de Janete.

Seus olhos piscaram, sua boca aberta em assombro, as mãos trêmulas tentando em vão segurar a lesão. Como em câmera lenta, ela caiu, seus olhos perdendo o brilho, a substância vermelha manchando sua camiseta e seu peito parando de se mexer. O horror do acontecimento fez com que todos berrassem em desespero, lágrimas descendo pelos seus rostos enquanto tentavam compreender a situação em que se encontravam.

Das sombras, um homem estranho, com duas espadas, apareceu. Com um único movimento, a lâmina afiada dançou pelo pescoço de Antônio, as artérias destruídas jorrando sangue enquanto o punho da katana terminava sua trajetória. A cabeça, separada do corpo, caiu na terra suja, o tronco batendo nas pedras com força.

Num impulso de sobrevivência, os jovens remanescentes começaram a correr em pânico, os brutais assassinatos dos últimos minutos passando por suas mentes incessantemente. A adrenalina os mantinha em movimento, e Tiago, pensando somente em Ce-

cília, refez seu caminho e alcançou o acampamento, preocupação e medo retumbando dentro de si.

Foi então que viu a criatura horripilante carregando o corpo de Pedro, sangrento e sem vida, e o pendurando em um galho de uma árvore no leito do rio, o tecido de suas roupas balançando com a brisa, lembrando-o de uma mórbida bandeira erguida após a morte de toda uma nação.

O monstro havia trazido o corpo de Janete consigo e, com indiferença, o jogou em um buraco próximo à cachoeira. O caos acordou Cecília, que assustada e confusa, saiu da barraca. O horror da visão fez seus olhos dobrarem de tamanho, um grito escapando de seus lábios, o coração martelando no peito. Ouviu Tiago avisá-la de algo, mas o corpo pendurado de Pedro a fez perder o rumo, e a presença da garota chamou a atenção do assassino.

Tiago, desesperado, tentou salvar a amiga, correndo para cima do ser misterioso, num momento de coragem, guiado pelo amor que sentia tão profundo dentro de si. O homem, porém, era forte demais, e o garoto foi empurrado para um buraco, pendendo perigosamente da beira de uma íngreme inclinação de terra, que desbocava num leito de rio cheio de pedregulhos.

Aflita, Cecília se jogou em direção ao companheiro, e esforçando-se, conseguiu segurar Tiago pelo punho, as articulações de seus dedos pálidas devido à força exercida.

O espadachim, porém, meneou sua arma com força, a lâmina fina como um fio de cabelo atravessando o pulso da garota,

a dor aguda e concentrada espalhando-se pelos nervos de seu antebraço.

A mão que segurava Tiago soltou-se, caindo ao chão com um baque surdo. A moça encarava o espaço a extremidade em que seu membro ficava agora vazio, sangue manchando sua pele, deslizando por seus braços enquanto ela identificava os diversos músculos e ossos agora visíveis. O choque a impediu de gritar.

O jovem deslizou metros abaixo, tentando agarrar-se a rochas aleatórias presas ao chão. Cecília moveu-se em direção ao rapaz, ameaçando segui-lo pelo barranco. Ele balançou a cabeça, seus olhos implorando para que ela não desse mais nenhum passo.

– Corra, Cecília, corra! – Gritou com a voz rouca.

Não houve tempo para decisões ou despedidas. O grunhido do homem ao seu lado a despertou, e num ímpeto de conservação, ela pulou para fora do caminho, correndo por entre os galhos caídos e as folhas amarronzadas. Enfiou-se na mata escura, perdendo-se por entre as idênticas árvores. Por fim, o cansaço tomou conta de seu corpo, as emoções e horrores do dia derrubando-a, e ela perdeu os sentidos.

§

Cecília foi encontrada em uma poça de sangue na manhã seguinte por um sitiante que, juntamente com seus irmãos, fora tomar posse de uma terra nas imediações. Após o choque e desajeitadas tentativas para sentir seu pulso (que provou que a garota

continuava viva), colocaram-na em seu cavalo e seguiram para Vilhena, onde o pessoal da Base Aérea a encaminhou para Cuiabá.

Foram três meses em coma. Quando acordou, não dizia uma só palavra. A polícia estava intrigada, pois não existia vestígio de sangue na cachoeira e muito menos corpos. Tentaram se comunicar com Cecília de várias maneiras, todas em vão. As famílias estavam em decadência. O sofrimento era tremendo.

Por quê? Quem? Como? Ninguém nunca soube responder. O mistério foi divulgado por quase todas as mídias, e os moradores do estado ficaram apavorados por um longo tempo, criando as mais mirabolantes teorias. Mas nem o melhor dos detetives foi capaz de resolver a incógnita, que foi lentamente esquecida pela boca do povo.



Um passeio de férias acaba em tragédia. Um grupo de promissores jovens é brutalmente morto por algo desconhecido, e a única sobrevivente se isola em seu próprio mundo por décadas, jamais dizendo uma só palavra sobre o acontecido.

O mistério de 1964 vivera no imaginário de toda a população de Vilhena – RO por décadas, detetives e investigadores tentando entender o que poderia ter causado um crime tão violento numa vila tão pequena e esquecida por Deus. A pesquisa, porém, mostrou-se inútil, e o povo se viu - lentamente - obrigado a aceitar o acontecido como uma jamais resolvida incógnita, quase uma lenda urbana que fora levada a sério demais.

Mesmo com a forçada ignorância dos moradores, as cicatrizes do banho de sangue custam a sumir, uma ferida mal curada que começa a se reabrir quando o jovem Thiago cumprimenta a senhora no canto da sala. Um sorriso, uma palavra, e a curiosidade de um rapaz são o suficiente para trazer à tona os segredos de um passado dolorido e sombrio, arrastando toda uma comunidade para o perigo iminente.